

A campanha maluca de um candidato alternativo

LUIZ MARQUES



As crianças adoram o candidato que não usa gravata, não parece político e pede votos com irreverência, na mira das autoridades e polícia.



É TEMPO DE DEBATES

1 Liderando a pesquisa de opinião pública divulgada ontem pela LPM, a candidata do PFL à Câmara, Maria de Lurdes Abadia, teve, na última segunda-feira, mais uma prova de que seu reduto eleitoral não é mesmo no Plano Piloto. Ao participar de um debate no restaurante Moinho (113 Sul), com outros seis candidatos, ela foi vaiada o tempo todo (até mesmo antes de chegar, devido a 15 minutos de atraso).

"Já debati nos mais diferentes lugares e nunca havia sido vaiada. Achei interessante receber vaias exatamente aqui, onde as pessoas devem ter tido bom berço", desabafou Maria de Lurdes ao final do debate, para uma platéia constituída, basicamente, de cabos eleitorais dos candidatos presentes e ausentes. Na mesa havia defensores de quase todas as chamadas "minorias discriminadas".

Marcos Terena (PDT) recebeu com bom humor as provocações sobre "ser índio e usufruir dos prazeres dos centros urbanos" e defendeu com veemência a sobrevivência do seu povo. Benício Tavares (PDT) emocionou-se ao frisar que o "deficiente físico não precisa de carinho ou pro-

teção, mas sim de todos os direitos de qualquer cidadão: transporte, trabalho, habitação". Nilson Curado, que distribuiu rosas às mulheres que estavam no restaurante, defendeu os direitos trabalhistas da prostituta, considerando-a a trabalhadora "mais sofrida e abandonada".

Em meio às claques organizadas, ganhou o debate quem tinha a torcida mais organizada. Aparentemente, a vitória coube a Mauricio Corrêa, candidato a senador pelo PDT, e a Lauro Campos, do PT e que também concorre ao Senado. Com uma torcida tão timida quanto à de Maria de Lurdes, o candidato a senador, Pitanga Seixas, gastou muita saliva defendendo uma outra minoria: a do seu partido o PDS, que, segundo pergunta de

um participante, "já morreu".

Estes foram os sete candidatos do debate de segunda-feira e, na próxima semana, o Moinho promoverá mais uma rodada. Se aumentou o movimento no local, o evento parece estar contribuindo pouco para definir as eleições no DF. Quem assiste normalmente já tem seu candidato (e até mesmo trabalha para ele) ou tem poucas chances de melhor conhecer suas propostas, em meio a chopes, garçons, piadinhas próprias de botechos, vaias e aplausos (muitas vezes fora de hora e sempre tendenciosos, de simpaticantes ou não dos candidatos). Além disso, a atenção é sempre desviada por cabos eleitorais de candidatos ausentes, que "pegam carona" e distribuem santinhos.

2 O bar e restaurante Bom Demais também está apostando nos debates políticos, mas em dose dupla. Há cinco semanas a comissão suprapartidária vem promovendo os debates sempre às segundas e terças-feiras de acordo com a escolha dos clientes sobre que candidatos querem ouvir. A intenção da comissão suprapartidária é dar continuidade ao trabalho após 15 de novembro, cobrando dos constituintes brasilienses o cumprimento das promessas e das plataformas.

O debate da última segunda-feira, onde estiveram presentes os candidatos ao Senado Mauricio Corrêa (PDT) e Arlete Sampaio (PT) e Herilda Balduíno (PDT) e Chico Vigilante (PT), que disputam vagas à Câmara, foi marcado por denúncias da parte dos petistas e de um discurso mais formal dos pedestras. As claques e simpaticantes dos candidatos também marcaram presença, lotando o bar.

Nas exposições, a guerra foi dos grupos que a todo momento interrompiam as falas dos candidatos para aplaudir veementemente

uma frase de mais efeito. Chico Vigilante expôs a necessidade de se proibir, na Constituição, a atuação de empresas locadoras de mão-de-obra, como única forma de minimizar a exploração da classe trabalhadora. Segundo ele só a CEB tem, atualmente, contratos com 12 empresas de prestação de serviços, algumas de propriedade de um ex-diretor e de duas esposas de atuais diretores da CEB.

No debate, a maior parte das perguntas feitas aos candidatos foram com relação às questões da mulher, como a legalização do aborto e licença-maternidade. Herilda Balduíno se mostrou contra a legalização assim como Mauricio Corrêa. Os petis-

tas centralizaram na questão de que o tema deve ser amplamente discutido, mas defenderam, sob aplausos, que a mulher deve ter o direito de decidir sobre os métodos anticoncepcionais a serem usados.

Depois de quase duas horas, as discussões começaram a esquentar, provavelmente devido ao consumo de cerveja. No final do debate dois estudantes do Ceub, que calmamente ouviram as explicações e discussões, chegaram à conclusão de que em Brasília tanto no Bom Demais como em outros bares e nos comícios predominam as claques partidárias que defendem ardorosamente seus candidatos e tomam o espaço dos indecisos.



Bom Demais: descontração às 2ª e 3ª feiras



Moinho: Debates co-patrocinados pela UnB

• Hoje, a partir de 20 horas, a Universidade do Distrito Federal - UDF promove debate entre candidatos à Constituinte por Brasília. Estão convidados para debater com estu-

dantes os candidatos Hélio Doyle (PDT) Cláudio Ramos (PL), Maria Laura (PT), além de Maerle Ferreira Lima (PMDB).

O barraco de madeira carinhosamente chamado de "trailer" do candidato J. Pingo foi mais uma vez confiscado ontem por funcionários do GDF e colocado no depósito da Novacap para desespero do candidato do PCN, que ingressou requerimento junto ao Tribunal Regional Eleitoral reavê-lo.

Uma blitz do TRE, comandada pelo diretor-geral Francimar, não apenas removeu o comitê central do candidato J. Pingo como agrediu o funcionário Roberto (cujo sobrenome o candidato não sabe), em meio a protestos gerais.

E a segunda vez que o comitê de J. Pingo é recolhido pela fiscalização por falta de alvará. A Kombi de som de sua propriedade também já foi apreendida, complicando ainda mais a vida desse candidato alternativo e irreverente.

Não foram mais que cinco minutos. Nesse tempo, J. Pingo, candidato do PCN à Constituinte, enfrentou a frieza irredutível da Justiça Eleitoral, que lhe deu duas horas para sair da praça, correu atrás de funcionários do Serviço de Limpeza Urbana, que queriam arrancar uma placa com seu nome, reclamou que "a polícia roubou a fita de Bezerra da Silva" e recebeu bilhetinhos atirados das janelas do Edifício Eldorado, pedindo que resistisse, antes de confessar que "eu entrei nessa campanha para fazer a revolução".

Seu comitê eleitoral não tem luz, telefone ou endereço. Faz ponto no Setor de Diversões Sul (Conic), mas ontem à tarde teve que deixar a praça em frente ao Edifício Eldorado, vítima da "cegueira" da Justiça Eleitoral que, reclama, "pode até ver em mim um abuso, mas não do poder econômico".

Como "a polícia roubou a fita de Bezerra da Silva" -

Deputado

GERALDO VASCONCELOS
PDT 1222

aquele que deixa para acender depois — o candidato do PCN brinda sua platéia flutuante com "um rock da pesada", enquanto critica que "o TRE inventou a cédula mais complicada para você votar".

E ele tira, conformado que a batalha, pelo menos ontem, estava perdida. Mas não desiste, que "eu entrei nessa não foi tanto para ser eleito, mas para fazer a revolução, vi a possibilidade de sair para a rua e ampliar a revolução".

Que revolução? J. Pingo diz que "a revolução não se define, ela é permanente. Seria a mesma coisa que você perguntar qual é minha ideologia: eu não tenho ideologia, porque toda ela é ultrapassada, obedece a um catálogo de idéias".

O candidato do PCN não tem ideologia, não tem dinheiro, mas diz que não é pobre. Porque "pobre é o Venâncio, que é cheio da grana e não sabe nem escrever direito".

E criatividade, para compensar a falta de recursos: "Meus panfletos são na base do carimbo, papel usado, os cartazes a gente faz com uma máscara em folha de radiografia, usando tinta suvinil, misturada com farinha de trigo e xadrez".

A Kombi, que sai por ai cantando "vou apertar, mas não vou acender agora", e clamando que "chega de basta", Pingo informa que "é minha há dois anos". O boneco (Pingão) "foi feito por amigos, com cola e papel". O sistema de som, "eu tive que vender minha casa no Valparaíso".

Sem casa, J. Pingo vive na rua. E não reclama da dificuldade de dinheiro. O maior problema, segundo ele, é o abuso do poder: "Já destruíram meu carro, me prenderam e agora me expulsaram da praça".

Para Deputado

FRANCISCO CARNEIRO
O CANDIDATO PIONEIRO
PMDB
1533